

## DO REJEITADO PATO AO BELO CISNE: UMA LEITURA DA TRAJETÓRIA DO HERÓI NO CONTO O PATINHO FEIO

Luciana Ornelas Martins Assis<sup>1</sup>  
Adriana Herthel de Paula Cioni<sup>2</sup>  
Érika Nazareth Louvera Fonseca<sup>3</sup>  
Valéria de Oliveira Carmo<sup>4</sup>  
Monalisa Lauro<sup>5</sup>

### Resumo

O presente trabalho analisou o conto *O Patinho Feio* pelo viés da Psicologia Analítica e pela perspectiva do Monomito, que considera os contos de fada como manifestações simbólicas do inconsciente, sendo a trajetória do herói, vivida nesses contos, a representação do caminho que a *psique* percorre em direção ao *tornar-se si mesmo*. Observou-se que o conto possui as três etapas características do Monomito: a partida, a iniciação e o retorno e que a história do Patinho Feio, assim como os contos de fada em geral, pode constituir importantes reforços terapêuticos na prática clínica da psicologia com crianças, pois sua linguagem simbólica pode facilitar a manifestação de conteúdos inconscientes e abrir caminhos para a resolução de conflitos.

**Palavras-chave:** Monomito, Psicologia Analítica, Individuação, O Patinho Feio.

---

<sup>1</sup> ASSIS, Luciana Ornelas Martins. Graduanda em Psicologia pela UNIVERSO/JF.

<sup>2</sup> CIONI, Adriana Herthel de Paula. Graduanda em Psicologia pela UNIVERSO/JF.

<sup>3</sup> FONSECA, Érika Nazareth Louvera. Graduanda em Psicologia pela UNIVERSO/JF.

<sup>4</sup> CARMO, Valéria de Oliveira. Graduanda em Psicologia pela UNIVERSO/JF.

<sup>5</sup> LAURO, Monalisa. Doutora em Psicologia pela UFJF; Docente do curso de Psicologia da UNIVERSO/JF e da UniAcademia.

## 1 Introdução

Milhões de pessoas já ouviram, leram e contaram a história *O Patinho Feio* várias vezes ao longo de suas vidas, e por ela se encantaram, comovendo-se com as desventuras do bichinho, torcendo para que ele as vencesse e se emocionando com a sua transformação em cisne. Camponeses, na Europa pré-industrial, contavam essa história para seus filhos e netos, que não possuíam muito mais do que pedras, galhos e pequenos objetos feitos de madeira para brincar, enquanto cidadãos, que vivem nos grandes centros da Europa, da Ásia ou da América pós-modernas, contam essa mesma história para seus filhos e netos, os quais brincam com seus computadores de última geração e jogos eletrônicos e o encanto pela saga do patinho permanece. Sob o olhar da Psicologia Analítica, pode-se explicar esse fenômeno porque a história conta muito mais do que as aventuras de um patinho que descobriu ser um cisne. Na verdade, ela fala da estrutura da *psique*, que é a mesma em todas as partes do mundo, hoje ou há trezentos anos, e do trajeto que cada um de nós percorre em busca da própria individuação, do tornar-se *si mesmo*.

## 2 Metodologia

Nesse artigo, analisamos esse conto infantil considerando o patinho, que é o herói da história, como representação do ego, e as aventuras que ele vive como as venturas e desventuras da *psique* em busca do *si mesmo*. Para isso, tomamos como aportes teóricos os conceitos de inconsciente coletivo, desenvolvido por Carl Gustav Jung, e o de Monomito, desenvolvido por Joseph Campbell, dividindo nossa discussão em três partes.

Na primeira parte, falamos sobre a teoria do Inconsciente Coletivo e abordamos alguns de seus arquétipos: a persona, a sombra, o animus e a anima. Na segunda parte, discorreremos a respeito do Monomito, segundo o qual todas as narrativas heroicas, da mais simples à mais complexa, possuem uma estrutura comum, o que ocorre em função do inconsciente coletivo compartilhado pela humanidade. Finalmente, na terceira parte, analisamos a história do patinho feio, acompanhando seu percurso desde o seu nascimento até sua transformação em cisne, e concluímos que o conto *O Patinho Feito* possui a estrutura do Monomito: a partida, a iniciação e o retorno. Nesse conto, o herói - representação do ego - aceitou o chamado à aventura - deixando seu lugar de origem, atravessou vários limiares, passou por difíceis

provas e obteve a grande conquista, alcançando a liberdade para viver e para ser o que realmente sempre foi.

### **3. Desenvolvimento**

#### **3.1 Carl Gustav Jung e o inconsciente coletivo**

Carl Gustav Jung nasceu em Kesswil, na Suíça, em 1875. Formou-se em medicina e fez especialização em psiquiatria, uma área que era, no início do século XX, muito pouco explorada e vista com reservas mesmo dentro da comunidade médica. Logo que começou sua carreira, tornou-se um grande admirador e seguidor de Sigmund Freud, mantendo com ele um intenso intercâmbio de ideias, que durou vários anos. Entretanto, na medida em que desenvolveu seus próprios estudos e observações com pacientes, Jung passou a divergir de algumas ideias de Freud, sobretudo, daquela que chamou de “teoria avassaladora do sexo” que, a seu ver, permeava e viciava toda a discussão sobre a psique humana na teoria freudiana (JUNG, 1983). Rompeu, então, com a Psicanálise e desenvolveu seu próprio método terapêutico, que mais tarde recebeu o nome de Psicologia Analítica.

Foi a teoria dos complexos que projetou Jung na comunidade científica internacional de sua época. Entretanto, ele considerou como sua maior contribuição para a ciência a formulação do conceito inconsciente coletivo. Em contato com os pacientes psicóticos no Hospital de Burghölzli, Jung observou que, apesar de eles possuírem experiências e histórias de vida completamente diferentes, suas narrativas evocavam as mesmas imagens, cujos padrões lembravam os relatos míticos, os contos de fada e as lendas. Observou também que o conteúdo dessas imagens não provinha da experiência prévia ou consciente. Estudando tais imagens, concluiu que elas refletiam modelos universais de comportamento humano e lhes deu, em 1912, o nome de imagens primordiais, passando a chamá-las de arquétipos a partir de 1919. Arquétipo é uma palavra de origem grega e significa marca ou impressão antiga - *arché* (antigo) e *typos* (marca ou impressão).

Segundo Jung, os arquétipos emanam da base mais profunda da psique: o inconsciente coletivo, que é herdado por todos os seres humanos. É herdado no sentido de que todos os bebês da espécie humana já o possuem ao nascer. É imutável, pois possui sempre as mesmas características, independentemente do sexo da criança, de sua etnia ou do lugar do mundo onde nasça. São as imagens arquetípicas, provenientes do inconsciente coletivo, as

responsáveis pelo comportamento que caracteriza o que é especificamente humano. Nas palavras de Jung:

Tais imagens são imagens primordiais, uma vez que são peculiares à espécie, e se alguma vez foram “criadas”, a sua criação coincide com o início da espécie. O típico do homem é a forma especificamente humana de suas atividades. O típico específico já está contido no germe. A ideia de que ele não é herdado, mas criado de novo em cada ser humano, seria tão absurda quanto a concepção primitiva de que o Sol que nasce pela manhã é diferente daquele que se põs na véspera. (JUNG, 1983, p.56)

Para Jung, os arquétipos seriam “normas biológicas da atividade psíquica” e fez uma analogia com a anatomia humana:

Como o corpo humano representa um verdadeiro museu de órgãos, cada qual com sua longa evolução histórica, da mesma forma deveríamos esperar encontrar também na mente uma organização análoga. Nossa mente jamais poderia ser um produto sem história, em situação oposta ao corpo, no qual a história existe. (JUNG, 1983, p.45)

Os arquétipos são imagens potenciais, inicialmente vazias de conteúdo, que serão preenchidas de acordo com as experiências pessoais do indivíduo e as interações que estabelecer com sua família, sua sociedade e sua cultura. Tomemos, como exemplo, o arquétipo do pai. Ao nascer, a criança traz consigo uma imagem latente da figura paterna, que não possui conteúdo. É na medida em que essa criança interage com o pai real ou com quem vier a exercer essa função em sua vida que os conteúdos “proteção”, “segurança”, “autoridade”, “abandono”, relação “eu-pai”, “mãe-pai”, “eu-mãe-pai” e tudo o que ele vivenciar em relação à figura paterna preencherão esse arquétipo e se formará, em sua vida, uma imagem definitiva de pai. Portanto, é a partir da experiência individual que o arquétipo ganha conteúdo.

A existência dos arquétipos é de fácil observação, quando recorremos à história. Durante o período das Grandes Navegações, europeus, asiáticos, africanos, índios nativos do continente americano e vários outros povos se encontraram. Embora distantes milhares e milhares de quilômetros, apesar de nunca terem se encontrado antes e de possuírem hábitos, crenças e aparência diferentes (apesar de corpos anatomicamente iguais), todos os povos tinham presentes, em sua cultura, as figuras da autoridade e da divindade - ou das divindades - , uma organização familiar e social, seus “heróis”, assim como um sistema de valores que

delimitava os conceitos de certo e de errado, de honra e de desonra, coragem e covardia, dentre tantos outros. Seus deuses possuíam nomes e características diferentes, assim como eram diferentes os requisitos necessários para que alguém fosse considerado um herói. Suas estruturas familiares e sociais também não eram as mesmas. Entretanto, todos os povos possuíam as mesmas imagens prévias, os arquétipos que foram preenchidos a partir de suas interações socioculturais. Isso é, portanto, coerente com concepção de Jung, que afirma que “existem tantos arquétipos quantas as situações típicas da vida. Uma repetição infinita gravou essas experiências em nossa constituição psíquica” (1983, p. 56). Alguns dos arquétipos mais estudados são a sombra, a persona, o animus e a anima.

Na teoria junguiana, o ego é uma estrutura psíquica que já nasce com o bebê, sendo o centro vital da consciência. A partir de certo ponto do desenvolvimento, o ego passa a ser moldado pelo ambiente e pela cultura. Dessa forma, em torno do ego nuclear inato, vão se acumulando conteúdos adquiridos através das relações familiares, sociais e culturais. A partir do processo de desenvolvimento egóico, duas estruturas psicológicas inconscientes são delineadas: a sombra e a persona. A sombra é formada por conteúdos que o ego rejeita por serem considerados como contrários aos padrões socialmente desejáveis. Nos sonhos, lendas e relatos míticos, ela é projetada em forma de monstros, seres desfigurados e repugnantes. Já a persona se desenvolve em função do contato com o mundo exterior. Contato, esse, necessário à adaptação do indivíduo ao meio social. Durante a vida, uma pessoa desenvolve diversas personas: a do profissional, do pai ou mãe, do esposo ou esposa, do amigo ou amiga e assim por diante.

Os conceitos de animus e de anima estão relacionados ao de persona. Para Jung, no inconsciente de cada homem há um elemento feminino, ao qual denominou anima, e no inconsciente de cada mulher há um elemento masculino, ao qual chamou animus. Se uma pessoa assume, diante de si e da sociedade, uma persona, cujas características são tipicamente identificadas como masculinas em sua cultura, ela possui, em sua psique, a anima - parte desconhecida pelo ego e responsável pelo contato deste com o inconsciente. Caso o contrário ocorra, ou seja, se a persona que uma pessoa assume é a de uma mulher, ela possui em sua psique o animus e é este o responsável pelo contato de seu ego com seu inconsciente. A anima e o animus são projetados no mundo externo e, geralmente, a mãe é o objeto da primeira projeção da anima de um homem, assim como o pai é o objeto da primeira projeção do animus de uma mulher.

Sobre as relações entre ego, persona, animus e anima, Jung afirma:

A função natural do *animus* (assim como da *anima*) é manter-se em seu lugar entre a consciência individual e o inconsciente coletivo; exatamente como a *persona* é uma espécie de estrato entre a consciência do ego e os objetos do mundo exterior. O *animus* e a *anima* devem funcionar como uma ponte, ou uma porta, levando às imagens do inconsciente coletivo, da mesma forma que a *persona* deve ser uma espécie de ponte para o mundo. (JUNG, 1983, p.80)

Para Jung, as artes são uma forma profícua de se ter acesso às imagens do inconsciente coletivo. Especificamente sobre a literatura, ele escreveu:

É uma particularidade da alma ser não apenas mãe e origem de toda ação humana, como também expressar-se em todas as formas e atividades do espírito; não podemos encontrar em parte alguma a essência da alma em si mesma, mas somente percebê-la e compreendê-la em suas múltiplas formas de manifestação (...) É claro e até mesmo evidente que a psicologia, ciência dos processos anímicos, pode relacionar-se com o campo da literatura. (JUNG, 2010, p.84)

Assim, no campo da literatura, mais especificamente nos contos de fadas, o beijo do príncipe e da princesa pode ser visto como a integração entre o feminino e o masculino; entre consciente e inconsciente. Quando isso acontece, o ser completa seu processo de individuação, ele alcança a maior de todas as conquistas: tornar-se si mesmo. O tornar-se si mesmo é um processo psicológico que ocorre lenta e gradualmente ao longo da vida do indivíduo, no final do qual ele se torna um ser uno e único, tendo conseguido unificar conteúdos conscientes e inconscientes.

E foi na literatura, mais especificamente na trajetória do herói, que o estudioso norte-americano de mitologia e religião, Joseph Campbell, encontrou projetada a trajetória da *psique* humana em busca de seu *self*, do tornar-se si mesmo. A seguir, abordaremos o conceito de monomito, desenvolvido por Campbell, e discorreremos sobre como esse conceito se relacionada com o inconsciente coletivo, proposto por Jung.

### **3.2 Monomito: a trajetória do ego-herói**

Joseph Campbell é um estudioso norte-americano de mitologia e religião, autor do livro *O herói de mil faces*. Ele se dedicou ao estudo das narrativas míticas de todos os povos e das mais diferentes épocas e constatou que, embora haja muitas variações entre os relatos dos

heróis nas narrativas das diversas culturas do mundo, verifica-se que todas elas possuem uma estrutura similar. Segundo ele:

Existe uma certa sequência de ações heroicas, típica, que pode ser detectada em histórias provenientes de todas as partes do mundo, de vários períodos da história. Na essência, pode-se até afirmar que não existe senão um herói mítico, arquetípico, cuja vida se multiplicou em réplicas, em muitas terras, por muitos, muitos povos. Um herói lendário é normalmente o fundador de algo, o fundador de uma nova era, de uma nova religião, uma nova cidade, uma nova modalidade de vida. Para fundar algo novo, ele deve abandonar o velho e partir em busca da ideia-semente, a ideia germinal que tenha a potencialidade de fazer aflorar aquele algo novo. (CAMPBELL, 2007, p. 15)

Assim, dos contos de fada que a mãe conta para que o filho adormeça até a obra mais complexa de Shakespeare, a fonte de onde emanam os símbolos, dos quais surgem nessas histórias e em cujo centro está a figura do herói, é uma só e diz respeito à natureza da *psique* humana.

Para a Psicologia Analítica, o caminho que o herói percorre nas narrativas corresponde à trajetória do ego em busca de torna-se si mesmo. Ao nascer, o bebê experimenta um sentido de totalidade primária, o *self* originário. Mas, na medida em que o ego ou consciência vai emergindo, tal sentimento de integridade vai se desfazendo.

Para que a consciência se desenvolva, é necessário que o *self* originário se deintegre, o que é diferente de se desintegrar. Em outras palavras, é necessário que o ego se divida em núcleos egóicos. Uma vez dividido, o *self* luta para formar uma totalidade novamente, o que só é possível através da união dos conteúdos conscientes e inconscientes. Desta união, surge a *individuação*, processo através do qual o ser humano pode alcançar sua mais elevada finalidade: a plena realização das potencialidades do seu ser.

O processo de individuação, ou o *tornar-se si mesmo*, compreende tanto a deintegração do *self* original quanto a sua reintegração, já na fase adulta, que se dá de forma consciente. Ambos os processos são difíceis, podem causar dor e exigem coragem e força para serem levados a termo. Essa “força e coragem”, necessárias ao ego para cumprir o processo de individuação, são representadas pela trajetória do herói. As lutas contra os seres das trevas, contra a fúria dos deuses e contra as próprias limitações que o herói enfrenta em seu trajeto representam as lutas do ego contra a dependência materna, contra as armadilhas da *anima* ou do *animus* e contra suas sombras. Afirma Campbell:

O final feliz do conto de fadas, do mito e da divina comédia do espírito deve ser lido, não como uma contradição, mas como transcendência da tragédia universal do homem. O mundo objetivo permanece o que era; mas, graças a uma mudança de ênfase que se processa no interior do sujeito, é encarado como se tivesse sofrido uma transformação. Onde antes lutavam a vida e a morte, agora se manifesta o ser duradouro — tão indiferente aos acasos do tempo como a água fervente num pote o é para com o destino de uma bolha, ou como o Cosmos com relação ao aparecimento e desaparecimento de uma galáxia. (CAMPBELL, 1990, p. 17)

Em maio de 1988, Campbell concedeu uma entrevista ao jornalista Bill Moyer. Dessa entrevista, surgiu o livro *O poder do mito*. Ao ser questionado por Moyer sobre o porquê das similaridades entre as narrativas míticas, Campbell, citou as teorias de Jung sobre os arquétipos e o inconsciente coletivo como explicação:

(...) a *psique* humana é essencialmente a mesma, em todo o mundo. A *psique* é a experiência interior do corpo humano, que é essencialmente a mesma para todos os seres humanos, com os mesmos órgãos, os mesmos instintos, os mesmos impulsos, os mesmos conflitos, os mesmos medos. A partir desse solo comum, constitui-se o que Jung chama de arquétipos, que são as bases comuns dos mitos (...). Em todo o mundo e em diferentes épocas da história humana, esses arquétipos, ou ideias elementares, aparecem sob diferentes roupagens. As diferenças nas roupagens decorrem do ambiente e das condições históricas. (CAMPBELL, 1990, p. 53-54)

Em seus estudos, Campbell destaca os três elementos básicos do padrão arquetípico na trajetória dos heróis, havendo, segundo ele, poucas variações. São eles: a *partida*, a *iniciação* e o *retorno*.

Para Campbell, a primeira tarefa do herói, rumo a sua aventura, é deixar o lugar de conforto da infância e enfrentar o desconhecido. A imagem do herói que parte da casa paterna, de sua aldeia ou de sua terra natal, para explorar uma floresta ou um mar revolto é uma projeção da aventura psicológica vivida pelo homem:

[...] consiste em retirar-se da cena mundana dos efeitos secundários, e iniciar uma jornada pelas regiões causais da *psique*, onde residem efetivamente as dificuldades, para torná-las claras, erradicá-las em favor de si mesmo (isto é, combater os demônios infantis de sua cultura local) e penetrar no domínio da experiência e da assimilação, diretas e sem distorções, daquilo que C. G. Jung denominou imagens arquetípicas. (CAMPBELL, 1990, p. 27)

No início de sua aventura, o herói recebe uma solicitação, que pode vir do mundo externo ou de um desconforto interno, de uma dor que o incomoda e que o impele a partir. Essa é a etapa do chamado.

A seguir, o herói atravessa o primeiro limiar, quando ele deixa o mundo conhecido e entra no desconhecido. Feita essa travessia, o herói é exposto às provações que vão iniciá-lo num desenvolvimento de ordem superior. Essa é a etapa da *iniciação*.

Após viver suas aventuras, vencendo as provas que lhe foram impostas, o herói se sente compelido a retornar ao seu mundo de origem. Segundo Campbell, é importante que aconteça esse retorno para que haja uma renovação da vida de toda a sociedade, a qual pertence. A última tarefa do herói é “retornar ao nosso meio, transfigurado e ensinar a lição de vida renovada que aprendeu” (CAMPBELL, 1990, p. 21).

A esse padrão estrutural comum sobre o qual se alicerça a trajetória do herói das diferentes culturas e nos diferentes períodos da história: partida, iniciação e retorno, Campbell chamou monomito.

Na etapa da partida, pode-se observar algumas sub-etapas, como o mundo cotidiano, o chamado à aventura, a recusa ou aceite ao chamado, a ajuda sobrenatural, a travessia do primeiro limiar, a barriga da baleia. Na iniciação, observa-se a estrada de provas, o encontro com a deusa, a mulher como tentação, a sintonia com o pai, a apoteose e a grande conquista. Na última etapa, ou seja, no retorno, encontra-se a recusa ao retorno, o voo mágico, o resgate interior, a travessia do limiar, o senhor de dois mundos e a liberdade para viver. Embora as narrativas de herói possuam a estrutura básica formada pelas etapas partida, iniciação e retorno, as sub-etapas podem variar. Uma narrativa pode conter todas as sub-etapas, outras podem possuir várias, mas nem todas e algumas narrativas podem possuir poucas delas.

Sigamos, agora, os rastros do triste e rejeitado patinho para que verifiquemos de que forma ele construiu seu trajeto heroico.

### **3.3 As aventuras de um patinho em busca do si mesmo**

A narrativa tem início com a mãe pata, ansiosa e impaciente, esperando que seus filhotes rompam as cascas de seus ovos. Ela quer mostrar-lhes a beleza e a vastidão do mundo. Quer também voltar à vida em sociedade, com seus passeios e conversas com outros animais do sítio, apresentando a todos a sua bela ninhada. Finalmente, os ovos se rompem, com exceção de um, que é maior que o normal e diferente dos outros. Suas amigas desconfiam que se trata de um ovo de peru, que foi ali colocado por uma mãe que não queria chocá-lo. Finalmente, o estranho ovo se rompe e nasce uma criaturinha feia e muito grande

em relação aos irmãos. Para ter certeza de que não se trata de um peruzinho, a mãe pata o coloca no lago e o bichinho começa a nadar, afastando tal possibilidade.

Em sua primeira incursão pelo sítio, junto à mãe e aos irmãos, o patinho feio chama atenção por sua estranha aparência e os outros animais o rechaçam. Com o passar dos dias, as coisas se tornam piores: “Sua mãe dizia que preferia que ele não tivesse nascido. Os patos o bicavam, as galinhas batiam nele e a menina que alimentava as aves o chutava” (ANDERSEN, 1998, p.11).

O chamado do patinho à aventura heroica se dá através de um desconforto interno. Cansado de tantas humilhações e temendo pela própria vida, ele compreende que é necessário deixar o lugar que conhece e procurar seu lugar no mundo. Decide fugir, alçando voo em direção à floresta. Ao fazê-lo, ele entra na segunda etapa de seu trajeto heroico: a partida.

É interessante observar que a aventura do patinho feio só tem início devido a um “erro”. Por algum motivo, que não é revelado durante toda a história, o ovo de um cisne foi parar no ninho de uma pata e gerou uma série de infortúnios para o patinho. Infortúnios esses que o levaram a se embrenhar por caminhos desconhecidos. Segundo Campbell, em várias narrativas heroicas, um erro se torna a mola propulsora da partida para a aventura. Em suas palavras:

Eis um exemplo de um dos modos pelos quais a aventura pode começar. Um erro – aparentemente um mero acaso – revela um mundo insuspeito, e o indivíduo entra em uma relação de forças que não são completamente compreendidas (...) os erros não são mero acaso. São ondulações, na superfície da vida, produzidas por nascentes inesperadas. E essas nascentes são tão profundas quanto a própria alma. O erro pode equivaler ao ato inicial de um destino. (CAMPBELL, 2007, p. 60)

A aventura do herói no mundo desconhecido é feita através do rompimento de limiares. Ao deixar sua mãe, seus irmãos, sua sociedade e embrenhar-se pela floresta, o patinho rompe o primeiro limiar. Cada limiar que se apresenta ao herói, ou ao ego-herói, indica que o estágio onde ele se encontra precisa ser superado, que sua postura diante da vida precisa ser modificada: faz-se necessário crescer. Logo que parte, o patinho encontra um bando de patos selvagens que, embora o considerem feio e estranho, convidam-no a voar com eles, a fazer parte do bando. Assim, ele se encontra diante de um novo limiar: alçar voo para terras ainda mais distantes. Entretanto, o seu acesso a esse segundo limiar foi negado. Havia um grupo de caçadores na floresta que, ao mirar os patos selvagens, dispersou o bando e o patinho se viu novamente só e desamparado. O impedimento de atravessar um limiar pode ter

uma dupla significação. Pode ser um impedimento ao crescimento do herói, que terá que ser contornado por ele. Pode também, como é o caso do patinho, ser um aviso de que o caminho que se apresenta, além daquele limiar, representa um perigo ao seu desenvolvimento. Afinal, se ele tivesse se integrado ao bando e passado a viver tranquilamente entre os patos selvagens, não teria se descoberto um belo cisne e viveria sempre como um estranho.

O pequeno herói continuou sua aventura. Depois de voar exaustivamente por vales e campinas, o patinho não tinha mais forças para se mover. Foi quando avistou um chalé, no meio da floresta e, encontrando a porta entreaberta, entrou e se aconchegou durante a noite, recuperando suas forças. Ao amanhecer, a dona do chalé, que enxergava pouco, o descobriu e o deixou ficar, na esperança de que fosse uma fêmea e lhe desse ovos. Mas logo a galinha, que ali vivia juntamente a um gato, descobriu que ele não poderia botar ovos, pois era macho. Então, aconselhou ao patinho que aprendesse a cacarejar como ela ou a ronronar como o gato para que fosse aceito pela dona, ou correria o risco de virar comida. Apesar de nada lhe faltar naquele chalé, o patinho se sentia incapaz de ronronar ou cacarejar. Em vez disso, sentia um desejo enorme e crescente de nadar. Ele compreendeu que aquele não era seu lugar e partiu novamente, rompendo o segundo limiar de sua aventura. Ora caminhando, ora nadando, ora voando, ele seguiu pela floresta.

O outono chegou e logo deu lugar ao inverno. Sozinho, em meio ao frio e a neve, o patinho seguia seu caminho desanimado e triste, quando avistou um bando de cisnes que voavam. Ficou encantado com aquelas aves de porte elegante e de grande beleza. Sentiu uma grande admiração, queria ser como eles. Aqui, podemos observar que o processo de autoconhecimento, do tornar-se si mesmo do patinho, estava evoluindo, embora ainda estivesse incompleto. Ele se identificou com os cisnes, mas ainda não foi capaz de se reconhecer como um deles.

O inverno se tornava cada vez mais intenso e as águas começaram a congelar. O esforço em nadar por entre placas de gelo, deixou o patinho exausto. Quando já não tinha mais esperança, deitou-se na beira de um rio e começou a congelar. Felizmente, um camponês que passava por ali, viu o sofrimento da pobre criaturinha e o levou para sua casa. Lá, ele encontrou a mulher do camponês, que gostava da carne de pato, e os seus filhos, que poderiam se aquecer e recuperar suas energias com essa refeição. Entretanto, quando as crianças começaram a brincar com o patinho, este levou um grande susto, pois começou a bater as asas dentro de casa, derrubando a leiteira e espalhando leite pela casa. Depois, voou para dentro do barril de manteiga e ficou todo sujo. O alvoroço foi total e a mulher estava

ansiosa por pegá-lo. O herói se assustou e compreendeu que permanecer ali representava perigo para sua vida. Partiu novamente, rompendo mais um limiar, e sua saga em busca do si mesmo continuou.

Finalmente, chegou a primavera e o mundo ficou mais colorido, florido e agradável. Enquanto nadava, avistou, entre uns arbustos, as belas aves que havia visto tempos atrás. Curiosamente, ao avistá-las, ficou mais infeliz que nunca. Sentiu que seu desejo era realmente o de viver com elas, mas pensou que, ao aproximar-se, seria morto pelos cisnes. Mas já estava tão cansado que concluiu que seria melhor tentar uma aproximação e morrer, do que viver em sofrimento e solidão. Mas, então, o inesperado aconteceu:

Então ele voou para a água e nadou para perto dos lindos cisnes. No momento em que olharam para o estranho, eles apressaram-se para encontrá-lo com as asas abertas. - Matem-me! - disse a pobre ave, curvando a cabeça até a superfície da água e esperando pelo golpe de misericórdia. Mas o que ele viu refletido na água clara? Sua própria imagem, mas não mais a de uma ave escura, cinza, feia e desagradável de ver, mas sim um belo e gracioso cisne. Agora ele se sentia satisfeito por ter passado por aborrecimentos e dificuldades, porque permitiram que ele aproveitasse muito mais todo o prazer e a felicidade que finalmente estavam ao seu alcance. (ANDERSEN, 1998, p.11)

Assim, nosso herói descobriu quem realmente era e a qual lugar pertencia; tornou-se si mesmo, completando seu processo de individuação.

Cabe-nos ainda destacar três aspectos na trajetória do patinho feio. O primeiro deles é que todo o percurso do patinho se deu em meio à floresta, com seus pântanos, rios e lagos, belezas e perigos. Na psicologia junguiana, a floresta é uma representação bastante frequente do inconsciente, sendo marcada por opostos e contradições. Segundo Jung: “é uma característica das figuras psíquicas serem duplas, ou, pelo menos, capazes de duplicação; em todo caso, elas são bipolares e oscilam entre seu significado positivo e negativo” (JUNG, 2010, p. 315). Alguns atributos positivos dessa figura psíquica são a fertilidade, o sustento, o abrigo. Por outro lado, ela também representa o perigo, a escuridão, o abismo. Nosso herói obteve da floresta seu alimento, a sombra para se proteger nos dias mais quentes, os juncos das árvores que lhe serviram de abrigo, mas também nela viveu o frio implacável, a escuridão que o amedrontava, além dos tiros vindos dos caçadores.

O segundo aspecto a ser considerado é que, na jornada heroica, sempre há um personagem que presta auxílio, que ajuda o herói a vencer seus desafios. É o arquétipo da figura tutelar ou do guardião, que representa as forças desconhecidas do inconsciente que

ajudam o herói a prosseguir em sua busca pelo si mesmo. Entretanto, essa figura tutelar, como toda figura psíquica, possui, ao mesmo tempo, as forças que se movem para auxiliá-lo e aquelas que atuam para destruí-lo. Tais forças se constituem como uma prova para ele. Cabe ao ego-herói decifrá-las e, desse modo, usufruir de seu auxílio, ao mesmo tempo em que escapa de suas artimanhas malélicas. No caso do patinho feio, as primeiras figuras tutelares que ele encontrou, foram os patos selvagens que o convidaram para partir com eles. Mas, ao mesmo tempo em que esses o acolheram, também o colocaram na mira dos caçadores, dos quais o patinho escapou por pouco. A segunda figura tutelar foi a da mulher que enxergava pouco e que o abrigou quando ele não tinha mais forças para prosseguir. Ela salvou sua vida, mas o fez achando que ele era uma fêmea, e poderia matá-lo ou machucá-lo, caso descobrisse que ele não lhe daria ovos. A terceira figura tutelar foi o camponês, que o retirou das placas de gelo. O homem o salvou da morte por congelamento, mas o levou para sua mulher que gostava de carne de pato e o pequeno herói logo teve que fugir.

Finalmente, o terceiro aspecto se trata das etapas da trajetória heroica. Como já citamos, Campbell destaca que o caminho do herói é composto por três etapas principais: o chamado, a partida e o retorno. Na história do patinho feio, o chamado e a partida se mostram de forma usual, mas o retorno se dá de forma diferente. Geralmente, o herói, após viver suas aventuras, retorna ao local de onde partiu, trazendo a sabedoria adquirida para os membros de seu grupo. O patinho, entretanto, não retorna ao sítio e à família de patos, pois isso representaria voltar para o local ao qual nunca pertenceu. Afinal, foi por um “erro”, não elucidado na história, que ele foi parar no ninho de uma pata. No caso de nosso herói, ao descobrir-se um cisne e ao passar a viver entre eles, ele retorna ao seu local de origem, ao qual verdadeiramente sempre pertenceu, e lá, entre os seus, ele pode compartilhar suas aventuras, enriquecendo sua comunidade com a sabedoria adquirida ao longo de sua trajetória.

#### **4 Conclusão**

Verificamos, no conto *O Patinho Feio*, a estrutura do Monomito: partida, iniciação e retorno. O patinho, herói da narrativa, atende ao chamado à aventura e se embrenha pela floresta enfrentando o frio, os predadores, o medo, a solidão, a tristeza, a fome e o cansaço, até descobrir-se um cisne, encontrando o *si mesmo*.

Na etapa da partida, observarmos algumas sub-etapas, destacadas por Campbell: a do mundo cotidiano – sua vivência no sítio onde nasceu, a do chamado à aventura –, o temor pela própria vida, a travessia do primeiro limiar – quando adentrou a floresta e aceitou ao chamado. Não houve, entretanto, a barriga da baleia e a ajuda sobrenatural. O patinho não foi amparado por fadas, magos ou deuses. Foram os gansos que o acolheram, quando atravessou o primeiro limiar e, durante todo o percurso, foi ajudado por outros animais, como o gato e a galinha, e por seres humanos, como o lenhador e a mulher que enxergava pouco. Na segunda etapa, a da iniciação, o patinho viveu as sub-etapas da estrada de provas – seu caminho pela floresta, vivenciando toda sorte de adversidades, e a da grande conquista, quando consegue, finalmente, chegar ao final de seu trajeto.

Finalmente, na terceira e última etapa, a do retorno, nosso herói vive as sub-etapas do voo mágico – quando ele decide levantar voo em direção aos cisnes, mesmo achando que esses o matariam –, a da travessia do limiar – quando entra no lago –, a do resgate interior – quando se vê junto aos seus iguais e recupera sua alegria –, e a da liberdade para viver, quando finalmente pode ser ele mesmo.

Ao estudarmos o conto *O Patinho Feio*, sob a ótica da Psicologia Analítica, observamos que os contos de fadas podem ser importantes aliados na prática clínica da psicologia com crianças. Utilizando uma linguagem clara e acessível e utilizando a fantasia, esses contos encantam os pequenos, e sua linguagem simbólica pode facilitar a manifestação de conteúdos inconscientes, possibilitando a integração desses à consciência, abrindo caminhos para a resolução de conflitos.

## **Referências**

ANDERSEN, H., C. O patinho feio. In: MACHADO, A.M. **Contos de Fadas de Perrault, Grimm, Andersen e Outros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix, 2007.

\_\_\_\_\_. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 1983.

\_\_\_\_\_. **O homem e seus símbolos**. Ediouro: Rio de Janeiro, 2010.